

Grupo Informal de História Medieval
Universidade do Porto, Faculdade de Letras
Via Panorâmica 4150-564 Porto Portugal
www.gihmedieval.com

Incipit 6

Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2017

COORDENADORES

André Silva

CITCEM – Universidade do Porto

CIDEHUS – Universidade de Évora

Carlos Teixeira

CITCEM – Universidade do Porto

João Martins Ferreira

CEPESE – Universidade do Porto

Leandro Ferreira

CEPESE – Universidade do Porto

Mariana Leite

Instituto de Filosofia – Universidade do Porto

Porto, 2018

Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital

ISBN: 978-989-54104-2-2

Apoio:

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

F

Instituto de Filosofia



U. PORTO

**AEFLUP**

Ficha técnica

Título: Incipit 6. Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2017

Coordenadores: André Silva, Carlos Teixeira, João Martins Ferreira, Leandro Ferreira, Mariana Leite

Editor: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital

Local de edição: Porto

Ano de edição: 2018

ISBN: 978-989-54104-2-2

Capa: Flávio Miranda

Composição e paginação: André Silva

Grupo Informal de História Medieval
Universidade do Porto, Faculdade de Letras
Via Panorâmica 4150-564 Porto Portugal

www.gihmedieval.com

A representação e a funcionalização do autocontrole nos Romances em Prosa em Língua Alemã do Século XVI

Ludmila Fonseca
Universidade do Porto/Università degli Studi di Palermo

Resumo:

A discussão sobre o limite temporal entre Idade Média e Idade Moderna ainda hoje é, em certa medida, questão aberta. Os pesquisadores da literatura alemã optam, nesse sentido, por admitir um período de transição (*Frühe Neuzeit*) entre as duas épocas, em que se dão processos de profundas transformações das estruturas de poder e econômicas e da organização espacial e social. Nesse contexto, surgem, como grande novidade, os romances em prosa em língua alemã (*Prosaroman*), obras que se difundem rapidamente entre as esferas urbanas e que transportam em si muitos elementos do período de crise em que se inserem. A partir da análise de quatro obras literárias desse momento, o objetivo do meu trabalho de doutorado é discutir a apresentação e a funcionalização do autocontrole, elemento reconhecido como central para o entendimento da Modernidade. O autocontrole passa a ter um papel fulcral no sucesso ou insucesso dos personagens; ele não se apresenta mais simplesmente ligado à moderação de impulsos moralmente indesejáveis, mas principalmente a uma nova racionalidade, consciente da necessidade de adequar os meios aos objetivos almejados.

Palavras-chave:

Romances em Prosa (*Prosaroman*), autocontrole, século XVI, literatura alemã

Abstract:

The discussion of the temporal limit between the Middle Ages and the Modern Age is still, to an extent, open to question. In this sense, German researchers acknowledge a transition period (*Frühe Neuzeit*) between the two eras, in which profound transformations of power and economic structures, along with spatial and social organization, take place. Within this context, the prose novels (*Prosaroman*), that were common knowledge in urban spheres and carried elements of this crisis period, appear as a great novelty. Through the analysis of four specific novels written during that period, the objective of my doctoral work is to discuss the presentation and functionalization of self-control, an element well-known amongst experts as fundamental when it comes to the understanding of Modernity. Self-control plays a pivotal role in the successes or failures of the characters; it is no longer related to the moderation of morally undesirable impulses, but instead, to a new rationality, a consciousness regarding the need to adapt the means to achieve the desired objectives.

Keywords:

Prose novel (*Prosaroman*), self-control, 16th century, German literature

Os romances populares em prosa em língua alemã – ou *Prosaromane* – foram um sucesso literário no contexto germanófono do século XVI. As obras bem vendidas eram, nesse período, publicadas diversas vezes e por diferentes tipógrafos e editores em um curto período de tempo, já que o público – ávido por informação e por entretenimento – e o mercado editorial estavam em crescimento. Isso significa, especialmente, que os romances desempenhavam importante papel dentro de seu contexto. Como textos ficcionais, eles não espelham a realidade da época, mas eles a interpretam, revelam os humores e a mentalidade, registram as variações com que as ideias, os costumes e as convicções se formaram, se difundiram e se modificaram com o passar do tempo, sob o impulso da novidade e dos conflitos sociais e religiosos. E, além

de revelarem sobre o período, eles também o influenciaram pois, como obras extensamente difundidas, divulgavam ideias e valores, criavam desejos e medos¹.

Exatamente por esse caráter, além de pela variedade de temas que abordam, quatro romances em prosa², escolhidos pelo seu notável sucesso no século XVI, são o objeto de estudo do presente projeto, que pretende analisar a partir deles a representação e a funcionalização do autocontrole.

As questões suscitadas por esse tema de pesquisa são de ordens diversas, e são elas que pretendemos desenvolver no presente texto. Em um primeiro momento, é necessário esclarecer que o estudo se insere em uma discussão sobre a localização temporal da Modernidade e do Medievo. Além disso, há também a questão da emocionalidade ligada ao autocontrole, e nesse sentido nos interessam diferenças e semelhanças entre as emoções apresentadas em romances da Idade Média e nesta nova literatura do século XVI. E, por fim, elucidaremos algumas das possíveis funções exercidas pelo autocontrole nos textos literários em questão. Serão apresentadas aqui as hipóteses do projeto, que se propõe, então, à sua verificação e à sua expansão, a partir de uma análise aprofundada da apresentação do autocontrole nas obras ficcionais.

1. LOCALIZAÇÃO TEMPORAL DO OBJETO

A discussão em relação à fixação de um início da Modernidade, em que já tomaram parte importantes pensadores, é ponto de partida do presente trabalho, pois entendemos o autocontrole como um dos aspectos fundamentais ao sujeito moderno. Em *As Palavras e as Coisas*, Michel Foucault³ localiza a configuração epistêmica da Modernidade no final do século XVIII, quando há a retirada do saber do espaço da representação. Reinhart Koselleck⁴, por sua vez, está em conformidade com a datação proposta por Foucault. O historiador também localiza o marco temporal da Modernidade por volta de 1800 e entende o nascimento desse período como um momento em que se coloca no presente a invenção de um futuro que pode ser reconhecido no passado. A Modernidade não teria a ver, então, com uma concepção temporal linear, mas com estratos de tempo diferentes que se apresentam simultaneamente e se sobrepõem – e, especialmente por isso, com um sujeito que se propõe a projetar um futuro, que dessa forma passa a ter rastros no presente.

Outros teóricos, no entanto, como Helmut Neuhaus⁵, consideram que o marco histórico da Modernidade deve se localizar no início do século XIV, quando a primeira onda de formação das cidades já estava dada. Entretanto, em meados do século XV, outros acontecimentos deixariam ver ainda mais claramente o início dos processos responsáveis pelo nascimento da Idade Moderna, entre eles a queda de Constantinopla (que traz ao Ocidente uma forte renovação intelectual), as novas organizações sociais e religiosas, as bases iniciais do sistema capitalista e a prensa de Gutenberg.

Este trabalho localiza-se exatamente nesse momento caótico, nesse entre-lugar entre Medievo e Idade Moderna que abre discussões férteis sobre periodização histórica – já que os elementos que fariam surgir o sujeito moderno já se fazem sentir, mas ainda de forma desorganizada e fragmentária. Ele é chamado na medievística alemã de Início da Idade Moderna (*Frühe Neuzeit*). Ao nos ocuparmos com tal momento, tratamos então

¹ Sobre os romances em prosa e seu contexto: Jan-Dirk Müller, „Romane des 15. und 16. Jahrhunderts“, in *Melusine, Fortunatus, Faustus. Romane des 15. und 16. Jahrhunderts*, ed. Jan-Dirk Müller (Frankfurt: Klassiker Verlag, 1990), 987-1458.

² (1) *Florio und Biancaffora* (1499); (2) *Fortunatus* (1509); (3) *Goldfaden* (1557); (4) *Historia von D. Johann Fausten* (1587).

³ Michel Foucault, *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* (São Paulo: Martins Fontes, 2000).

⁴ Reinhart Koselleck, *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos modernos* (Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2006).

⁵ Helmut Neuhaus, *Die Frühe Neuzeit als Epoche* (Munique: R. Oldenbourg Verlag, 2009).

de um período de transição de mentalidades, daquilo que Henry Kamen¹ chama de Século de Ferro, por acreditar que, entre 1550 e 1660, a crise – que deve ser entendida como o conflito entre a estagnação e as mudanças, entre as tradições e os novos caminhos sociais – tem seu ápice. Tal ênfase à transição traz à luz um fator bastante significativo: estudar a formação daquilo a que se chama Modernidade relaciona-se com o conhecimento sobre uma cultura e uma estrutura medievais que não foram superadas, mas transformadas². Por isso, entender os romances do século XVI é compreender como os elementos medievais e os novos elementos se reorganizaram e se dispuseram de maneira a possibilitar novas arquiteturas – as quais, por sua vez, reverberaram na literatura.

Se ao homem medieval não era dado o espaço para o questionamento, o sujeito deste período deve começar a decidir sobre as suas próprias certezas. Muitas delas, é sabido, serão provisórias, causando novamente incertezas e instabilidades diversas. A questão religiosa, que é apenas um dos aspectos centrais para as mudanças ocorridas no Início da Idade Moderna, elucida bem esse ponto. Depois de um longo período em que a Igreja Católica detinha toda a influência religiosa na Europa, os seus dogmas e as suas práticas começam a ser discutidos e questionados com cada vez mais intensidade. Diferentes formas de entender o Cristianismo apresentam-se e lutam por espaço – com armas e palavras. A Bíblia, que um dia pareceu inequívoca, passa a ser passível de interpretação, de maneira que novas vias religiosas são abertas: decidir qual delas tomar mostra-se especialmente problemático ao se considerar que, entre todos os caminhos, apenas um leva à salvação – enquanto todos os outros significam a eterna condenação da alma.

Em tal momento de instabilidade, parece-nos começar a crescer a importância do controle social e do autocontrole. Tal questão foi extensamente pesquisada por teóricos da Modernidade, em estudos filosóficos, sociológicos e históricos. Entre aqueles com maior recepção estão os de Norbert Elias³, que defende que no Processo Civilizador correm paralelos o desenvolvimento do Estado (ou de um controle central) e o desenvolvimento da sociedade, de maneira que a administração individual dos afetos condiz com a constituição – muitas vezes institucionalizada – de aparatos de violência e de controle⁴; Michel Foucault⁵, que desenvolve uma teoria sobre os dispositivos de poder e a partir dela explica como são ativados os mecanismos da autodisciplina; Max Weber⁶, que coloca em relação o nascimento do capitalismo e os preceitos comportamentais de algumas confissões religiosas, principalmente o Pietismo e o Calvinismo; e Wolfgang Reinhard⁷ e Heinz Schilling⁸, que veem uma estreita relação entre as confissões e o desenvolvimento de formas individuais de autocontrole.

¹ Henry Kamen, *The Iron Century: Social Change in Europe. 1550-1660* (London: Weidenfeld and Nicolson, 1971).

² Ferdinand Tönnies, “Geist der Neuzeit“ in *Ferdinand Tönnies Gesamtausgabe*, ed. Rolf Fehner (Berlin/Nova Iorque: De Gruyter, 1935).

³ Norbert Elias, *O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização*, Vol. II. (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993).

—, *O processo civilizador: Uma história dos costumes*, Vol. I. (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994).

⁴ Afastamo-nos, neste trabalho, de linhas de pensamento como a de Elias, por não entendermos o Medievo como um momento de descontrole e de impulsos incontrolados; pretendemos estudá-lo tendo em vista sua maneira, simplesmente diversa da vindoura, de codificar emoções e de funcionalizá-las.

⁵ Michel Foucault, *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, 20 (Petrópolis: Editora Vozes, 1999).

⁶ Max Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2004).

⁷ Wolfgang Reinhard, “Sozialdisziplinierung - Konfessionalisierung – Modernisierung: Ein historiographischer Diskurs“ in *Die Frühe Neuzeit in der Geschichtswissenschaft. Forschungstendenzen und Forschungserträge*, ed. Nada Boškovska-Leimgruber (Paderborn: Ferdinand Schöningh, 1997), 39-56.

⁸ Heinz Schilling, “Die Konfessionalisierung im Reich: Religiöser und gesellschaftlicher Wandel in Deutschland zwischen 1555 und 1620“ in *Historische Zeitschrift* (Fevereiro 1988), 1-45.

Ainda há, entretanto, uma carência de pesquisas sobre esse tema que se ocupem da literatura. É nossa intenção, dessa forma, dar uma contribuição a esse campo de pesquisa. Em nossa análise, interessa-nos, em primeiro lugar, a comparação da codificação de emoções na literatura da Idade Média e do Início da Idade Moderna. Os resultados desse estudo servirão, então, de base para a posterior análise das obras do século XVI. Tendo sempre em vista – mas não em foco – a questão social, usamos principalmente aparatos teóricos concernentes à Teoria da Emoção, a qual tem sido extensamente trabalhada pelas pesquisas na área da medievística alemã¹.

2. TRATAMENTO DAS EMOÇÕES EM ROMANCES MEDIEVAIS E PRÉ-MODERNOS

Ao pesquisar a codificação literária das emoções, levaremos em conta a época de produção, sem nos debruçar, entretanto, sobre emoções “reais”, já que, mesmo que acreditássemos que o homem medieval experimentava, por exemplo, o mesmo medo que o homem moderno ou antigo, isso não significaria uma mesma codificação de tal emoção nas obras literárias destas épocas. Pretendemos nos ocupar, portanto, da ligação entre expressão emocional e código cultural e entender as variações nessa relação.

A nossa hipótese central é que, na passagem temática e formal – e nas transformações relacionadas ao público-alvo – dos romances medievais para os romances prosaicos do século XVI, dá-se também uma mudança fulcral em relação à maneira de lidar com as emoções e de as validar: se nos romances de cavalaria existia como uma das possibilidades de controle das emoções o ideal universal da Medida (*mâze*), nos romances populares trata-se de autocontrole – aqui com foco não em uma virtude universal, que serve em todos os casos, mas muito mais em uma capacidade de agir e reagir de modo particular a cada situação, usando tanto a expressão das emoções para alcançar objetivos racionais quanto a razão para alcançar objetivos emocionais.

A Medida é um dos elementos constitutivos da doutrina de virtudes (*Tugendlehre*) dos cavaleiros medievais e se refere diretamente à forma de lidar com as emoções. Nos romances em língua alemã, ela aparece de modo recorrente como valor máximo, como virtude básica para que todas as outras virtudes possam se apresentar², e serve inclusive como terapia para emoções prejudiciais, transformando-as de maneira positiva. Isso se liga à difusão dos escritos aristotélicos, que tiveram grande alcance nesse período, influenciando não só a literatura, mas também doutrinas filosóficas e religiosas. Para Aristóteles, caráter e emoções estão necessariamente interligados, e controle do caráter significa, por conseguinte, controle emocional – que se daria, por sua vez, por meio da Medida³.

Podemos entender melhor como essa questão se apresenta nos romances medievais tomando como exemplo *Parzival*, romance escrito por Wolfram von Eschenbach⁴, em que uma das grandes dificuldades do protagonista é encontrar a justa Medida. Parzival, ainda uma criança, foi afastado da sociedade cortês por sua mãe e, dessa forma, desconhece a doutrina de virtudes dos cavaleiros. Quando se decide a buscar o seu espaço dentro da sociedade, depara-se com dificuldades várias que se referem sempre à codificação de suas emoções. Tratemos aqui, no entanto, apenas do problema central da obra.

¹ Rüdiger Schnell, “Historische Emotionsforschung: Eine mediävistische Standortbestimmung“ in *Frühmittelalterliche Studien: Jahrbuch des Instituts für Frühmittelalterforschung*, eds. Gerd Althoff, Hagen Keller e Christel Meier (Berlin - New York: Walter de Gruyter, 2004), 173-276.

² Joachim Bumke, *Höfische Kultur: Literatur und Gesellschaft im hohen Mittelalter* (München: Deutscher Taschenbuch Verlag GmbH & Co, 1986), 416.

³ Christof Rapp, “Aristoteles: Bausteine für eine Theorie der Emotionen“ in *Klassische Emotionstheorien: Von Platon bis Wittgenstein*, eds. Hilge Landweer e Ursula Renz, 45-68 (Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2008), 60.

⁴ Wolfram von Eschenbach, *Parzival*. *Mittelhochdeutscher Text nach der sechsten Ausgabe von Karl Lachmann* (Berlin: de Gruyter, 2003).

No livro II, seu tio Gurnemanz figura como mentor e transmite a Parzival normas e valores corteses, dando ênfase à Medida. De acordo com Gurnemanz, fazer perguntas demais poderia causar problemas. O protagonista comete o seu maior erro, todavia, exatamente por não entender o ensinamento do tio e, indo ao outro extremo, perguntar menos do que deveria. Quando, após o seu diálogo com Gurnemanz, Parzival se encontra com o Rei do Graal, toda a sociedade espera dele uma pergunta que demonstre a sua compaixão em relação ao sofrimento físico do monarca: era esperado que, ao se encontrar com Anfortas, Parzival demonstrasse a sua compaixão por meio de um questionamento. Porém, ele se cala. É essa conduta errônea que tentará corrigir durante toda a narrativa, por meio da Medida¹.

Dessa forma, é possível perceber que, nos romances medievais, o autocontrole (como o estamos entendendo no presente trabalho) não se coloca normalmente como questão². As emoções se apresentam tendo em vista os papéis que devem ser representados pelas figuras, as quais, portanto, não têm espaço de manobra em relação aos seus afetos: ou elas codificam os afetos previstos pelo sistema de valores ou o conflito está dado. Personagens que desempenhem seus papéis perfeitamente devem, então, codificar as emoções corretas de maneira correta no momento correto³.

Isso se transforma, por sua vez, nos romances em prosa do século XVI. Não se trata mais de romances corteses que pretendem construir um ideal cavaleiresco ou amoroso. O ambiente mudou, os romances populares ocupam-se, em grande parte, da vida nas cidades ou do conflito entre a corte e os novos estratos sociais. O lugar dos papéis idealizados e das emoções codificadas de maneira coreografada diminui. Agora, outros elementos entram em evidência e a um aspecto que não tinha espaço é dada uma nova importância: o autocontrole não tem uma forma pré-estabelecida e não está sempre ligado a valores morais. Controlar-se é ler corretamente o ambiente e os interlocutores e dar respostas adequadas a cada situação especificamente. O autocontrole se liga com a prudência, a arte de se esconder e se mostrar nos momentos adequados e de conformar perfeitamente os meios aos objetivos perseguidos. Para ilustrar essa questão, apresentemos o romance *Fortunatus* (1509)⁴.

Na obra, a importância da sabedoria é constantemente destacada, já que, em um encontro com a personificação da Fortuna, que lhe oferece um dom à sua livre escolha, o protagonista opta por ser rico, quando poderia ter escolhido ser sábio. Se *Fortunatus* pensava que riqueza ilimitada resolveria todas as suas questões no mundo conflituoso de comerciantes e nobres, descobre que, na verdade, o dinheiro cria novos perigos. Apesar de não ter optado pelo dom da sabedoria, *Fortunatus* tem que aprender por meio da experiência. A obra parece, então, apresentar a sabedoria em dois níveis: no mais profundo, ela significa o entendimento da finitude da vida, de aceitação do tempo e da morte⁵ – esta consciência não será jamais alcançada pelo protagonista –; no nível da vida prática, e este aspecto é o que mais nos interessa, ela tem ligação principalmente com a esperteza, a inteligência, a capacidade de analisar rapidamente situações e escolher os melhores meios, não só para atingir posições sociais de destaque, mas também para sobreviver em um mundo em fase de transição, de desafios ainda desconhecidos. Sábio parece ser, acima de tudo, aquele capaz de se controlar para alcançar determinado

¹ No final da obra, Parzival finalmente se redime ao perguntar: “Tio, o que está doendo?” (“oeheim, waz wirret dir”). (Wolfram, 2003, 795,29).

² Há, entretanto, exceções. Em *Tristan*, de Gottfried von Straßburg, por exemplo, o protagonista deve controlar a expressão de suas emoções constantemente para viver um amor proibido com a esposa de seu tio e rei Marc.

³ Jutta Eming, et al. “Zur Performativität von Emotionalität in erzählenden Texten des Mittelalters” in *Encomia-Deutsch. Sonderheft der Deutschen Sektion der ICLS* (2000), 42-60.

⁴ *Fortunatus* (Stuttgart: Reclam, 2011).

⁵ Laura Auteri, “(Un-)Verfügbarkeit der Zeit und des Ichs in Prosaromanen des 15. und 16. Jahrhunderts” in *Paragrana, UnVerfügbarkeit*, ed. Ingrid Kasten (Berlin: Akademie, 2012), 148-158.

objetivo – enriquecer, manter a riqueza ou se proteger. Fortunatus alcança, dessa forma, sucesso social e pessoal porque aprende a se autocontrolar¹.

Isso nos leva a propor uma análise mais aprofundada do autocontrole. Não basta identificar a presença dessa nova questão nas obras literárias do século XVI, mas é essencial perceber as funções que ela exerce. Interessa-nos saber de que maneira o autocontrole é funcionalizado nas narrativas, quais estratégias são usadas para isso e quais são suas consequências. Além disso, interessa-nos entender que tipo de julgamentos e valorações acompanham o aparecimento do autocontrole em tais obras.

3. FUNCIONALIZAÇÃO DO AUTOCONTROLE

Uma breve reflexão sobre a *Historia von D. Johann Fausten* (1587)², a primeira versão impressa da famosa história do acadêmico que faz um pacto com o demônio, demonstra bem quanto podem ser frutíferas as análises dos romances da época tendo em vista a funcionalização do autocontrole. Pode-se relacionar à *Historia* a questão da Confessionalização, ou seja, a internalização das normas religiosas surgidas com as novas confissões. As três grandes confissões – católica, luterana e calvinista –, para tornar claros seus contornos teológicos, veem como necessário disciplinar os seus membros de acordo com suas regras específicas. Como consequência, surge então um maior controle e um maior autocontrole dos fiéis, já que as normas religiosas passam a ter uma área de influência para muito além da Igreja e atingem em diferentes frentes o desenvolvimento social. As estratégias para alcançar maior disseminação de ideias eram diversas, e entre elas figuram os escritos propagandistas. A *Historia* relaciona-se intimamente com esse movimento: a crítica é unânime ao defender que a obra tem por objetivo transmitir valores luteranos. O que até agora nunca foi apontado, contudo, são as funções que o autocontrole exerce para que a mensagem religiosa seja transmitida.

A falta de autocontrole de Fausto é, primeiramente, funcionalizada intratextualmente: apesar de o protagonista desejar a salvação de sua alma e demonstrar várias vezes ter se arrependido do pacto com o demônio, a ele não é dada nenhuma possibilidade de evitar a danação. A um certo ponto da narrativa, Deus o abandona e, sem a graça divina, Fausto é incapaz de se controlar a fim de se livrar da influência do demônio. Pelo contrário, o medo dos castigos físicos, ameaça constante do diabo, impossibilita que o mago administre as próprias emoções e se posicione contrariamente ao Mal para salvar sua alma.

Para melhor esclarecer essa questão, podemos comparar o desfecho da *Historia* (em que Fausto é morto violentamente por Mephostophiles e condenado à eterna danação) com o desfecho de outra narrativa religiosa, agora católica, em que a protagonista também faz um pacto com o Diabo, *Mariken van Nimwegen* (1518)³. Tal comparação evidencia a centralidade do papel do autocontrole na relação homem-diabo, uma vez que Mariken, em comportamento quase completamente oposto ao de Fausto, não teme o demônio. Quando se arrepende do pacto, ela sofre castigos físicos severos, mas nada abala a sua vontade de ser de novo tomada pela graça de Deus. A consequência disso é, então, a salvação da sua alma.

A *Historia* inaugura, dessa forma, uma nova possibilidade dentro do universo de romances que tinham basicamente o objetivo de divertir e ensinar: ao usar a imagem de um anti-herói luterano, ela coreografa o caminho daquele que não se controla em direção à danação. Pela primeira vez, um protagonista arrependido não encontra a salvação.

¹ Raitz aborda a questão: “Sabedoria significa comportamento individual, refletindo assim os comportamentos sociais vigentes que objetivam evitar ou resolver conflitos. Ela se expressa como uma negociação pragmática, ou como esperteza e argúcia” (tradução nossa). Walter Raitz, *Zur Sociogenese des bürgerlichen Romans: eine literatursoziologische Analyse der "Fortunatus"* (Düsseldorf: Bertelsmann, 1973).

² *Historia von D. Johann Fausten* (Stuttgart: Reclam, 2012).

³ *Mariken van Nimwegen* (Hilversum: Veloren, 1996).

Além disso, a falta de autocontrole é funcionalizada também extratextualmente, uma vez que a obra tem em vista o seu papel no processo de Confessionalização. O narrador, que é sempre o mediador entre Fausto e o público, julga constantemente as atitudes do protagonista e avisa aos leitores que o mago é um exemplo de tudo aquilo que não deve ser feito e teve, assim, seu merecido final trágico. Para os leitores que desejam a vida eterna no Paraíso, é aberta apenas a possibilidade de manter-se dentro das regras luteranas, o que, nesse caso, significa controlar os próprios impulsos, já que certos desejos mundanos podem levar ao desvio do caminho de Deus.

4. O AUTOCONTROLE E O DESENVOLVIMENTO IDENTITÁRIO

A construção da identidade dos personagens principais, outra novidade dos romances estudados, parece ser mais um efeito da representação do autocontrole: as figuras definem não só o seu destino, mas também a si mesmas, a partir da sua capacidade de reflexão sobre as próprias emoções e sobre as emoções dos outros. Tomemos novamente como exemplo *Fortunatus*.

Depois das primeiras adversidades enfrentadas após seu encontro com Fortuna, Fortunatus percebe que, para garantir a própria segurança, ele precisa estar preparado para se adequar a extratos sociais a que não pertence. A sua identidade vai, então, se formando a partir de suas ponderações sobre decisões já tomadas e decisões por tomar, sobre seus objetivos e suas emoções. A necessidade de entender seus interlocutores e de controlar os próprios impulsos para que uma comunicação proveitosa seja possível leva o personagem a estar sempre em um entre-lugar. E é essa identidade híbrida que traz às suas ações um caráter de imprevisibilidade e, exatamente por isso, determina o seu sucesso.

Andolosia e Ampedo, como o pai – porque a narrativa não termina com a morte de Fortunatus, mas acha continuidade na história dos herdeiros –, também não têm um lugar pré-estabelecido no mundo. Especialmente Andolosia joga – ainda que de uma maneira muitas vezes limitada – com as próprias possibilidades e tenta caminhar por diversos contextos, mas ele parece jamais entender a exigência de constante reflexão sobre si mesmo e de leitura do outro. Andolosia acaba por morrer em uma violenta sessão de tortura, como consequência da sua inabilidade de controlar as próprias vontades e de estabelecer para si uma posição social segura.

Não há, nem na história de Fortunatus nem naquela dos filhos, um modelo pré-determinado a ser seguido para alcançar o sucesso. O destino forma-se a partir das respostas individuais às questões relacionadas ao autocontrole, estas que surgem constantemente, mas sempre com formatos diversos.

O autocontrole, dessa forma, além de produzir plausibilidade para as narrativas, uma vez que, por meio dele, se justificam o sucesso e o insucesso dos protagonistas, parece desempenhar uma função ainda mais profunda: a partir dele, se constroem identidades. Autocontrolar-se pressupõe a capacidade de interpretação de si mesmo, de reflexão sobre os próprios sentimentos e sobre os próprios objetivos, assim como exige uma aguçada percepção do outro, de suas intenções para além das palavras.

ESTRUTURA PROVISÓRIA DO TRABALHO

1. Introdução
 - Estado da arte
 - Formulação da tese
 - Discussão dos conceitos-base dentro da Teoria da Emocionalidade
 - Desenvolvimento de um aparato descritivo

2. O autocontrole na Idade Média e na Pré-Modernidade a partir dos romances *Flore und Biancelfora* e *Flore und Blancheflur*

- A versão medieval e seu original francês
- A versão pré-moderna e seu original italiano
- Comparação de cenas escolhidas

3. O autocontrole nos romances do século XVI

- *Fortunatus* e a Autoconservação
- *Goldfaden* e a Prudência
- *Faustbuch* e o Luteranismo

4. Considerações Finais